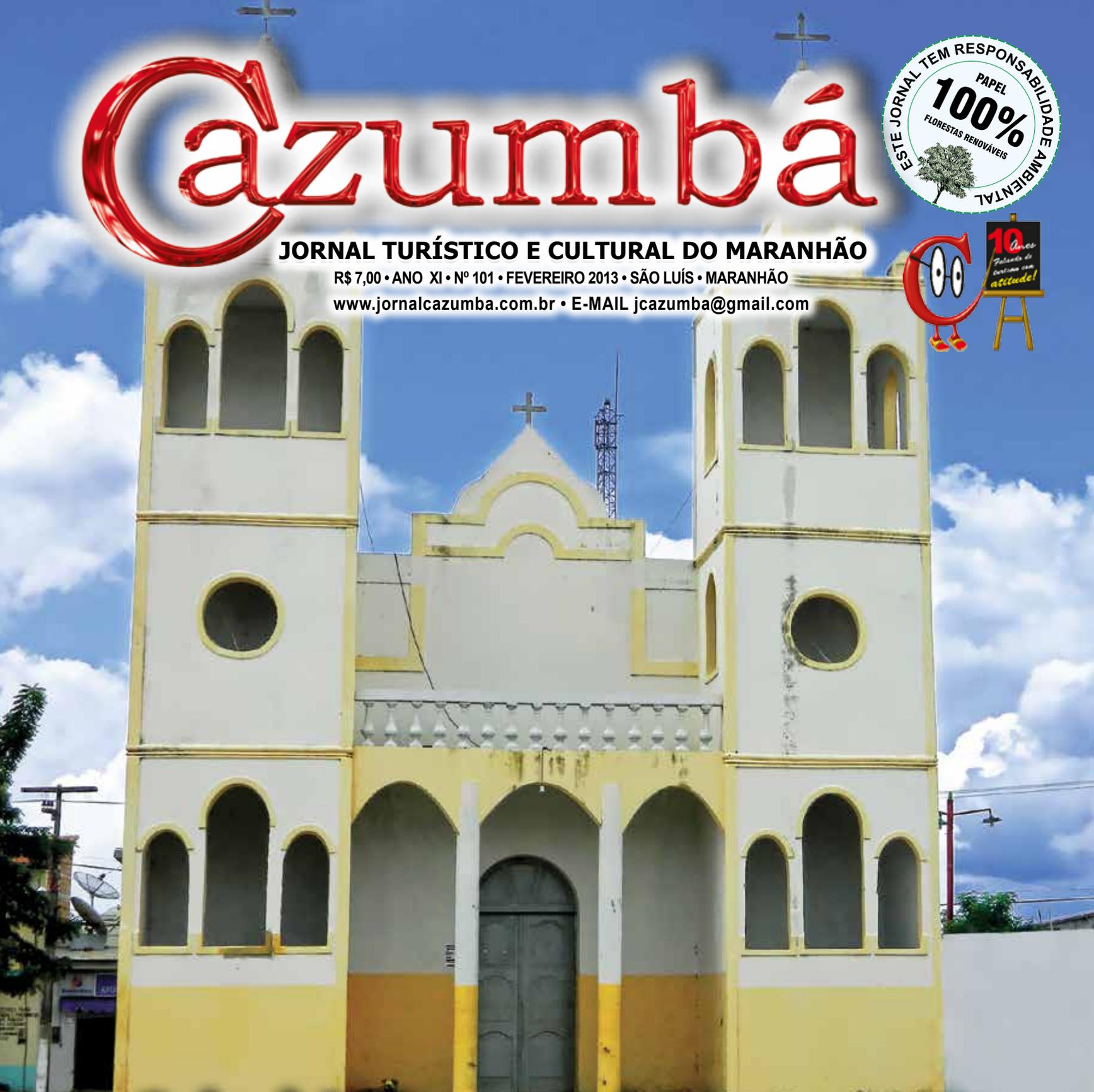


Cazumbá

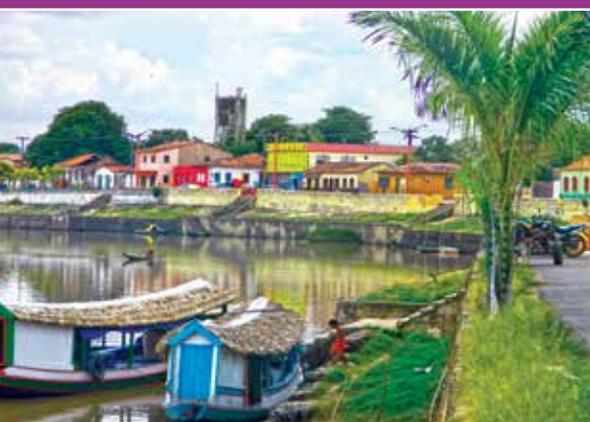
JORNAL TURÍSTICO E CULTURAL DO MARANHÃO

R\$ 7,00 • ANO XI • Nº 101 • FEVEREIRO 2013 • SÃO LUÍS • MARANHÃO

www.jornalcazumba.com.br • E-MAIL jcazumba@gmail.com



Cajari-MA: uma rica reserva hídrica que favorece o ecoturismo



Na rota dos Lagos e Campos Floridos, também pode ser conhecida como o lugar de banhos e de contemplação. Um lugar com 'ares' bucólicos e exposição permanente da natureza que, com certeza, vai merecer também uma visita sua.

Pág.10 a 12

Editorial

A visão do turismo em São Luís no limiar de uma nova gestão

Escolhido pelo Prefeito Edivaldo Holanda Braga Junior para assumir as pasta turismo da cidade de São Luís, Lula Fylho se diz muito tranquilo para atuar numa área que ele por excelência já trabalha desde muito cedo, também cita que os desafios são muitos, mas como ele mesmo diz, desafios são para ser enfrentados, desde o momento em que o Prefeito Edivaldo Junior o convidou para assumir a pasta do turismo.

A Setur/SLZ é uma secretaria eminentemente técnica, mesmo sabendo que o viés político as vezes se sobrepõe, mas, Lula já começou a formar sua gestão com a escolha de pessoas capazes e que conhece e tem bom trânsito com a cadeia. Em conversa com Lula, ele disse as que críticas construtivas são bem-vindas, que pretende olhar com mais cuidado para os projetos já gestados e também buscar fazer outros tantos possíveis, sempre com o pé no chão.

Pelo que se sabe, o antecessor de Lula, o Professor Liviomar Macatrão, que mesmo com poucos recursos, a pasta se esmerou em trabalhar com planejamento e planificação do turismo. Para isso, ele trabalhou o que se comumente se chama de uma competência estratégica, ligada à articulação, que pode ser a saída para uma pasta que é historicamente desprestigiada do ponto de vista orçamentário.

No caso de São Luís, foram criados dois planos, o PDCT, que é o plano de desenvolvimento do cluster de turismo, e o plano de Marketing, excelentes ferramentas para a atual gestão colocar em prática, aproveitando o trabalho que já foi realizado, agindo de forma inteligente, continuar o trabalho iniciado na gestão anterior, colocando em prática o princípio supra partidário, além dos interesses imediatos dos partidos, no qual se insere o turismo local, a própria população.

Dessa forma, entendemos que Lula Fylho necessita articular uma integração estratégica com outras pastas do secretariado municipal, consideradas desprestigiadas sob o viés orçamentário, e fazer uma gestão transparente referente às ações que irá desenvolver.

O novo Secretário precisa fazer uma gestão transparente, lançando mão das estratégias, agilizando o princípio da regionalização do turismo, criando duas regiões ou regiões foco da gestão do Turismo na cidade, integrando outras pastas, como as da cultura, meio ambiente, educação, em busca de uma gestão participativa integrada.

Daqui deste espaço torcemos para que a gestão de Lula Fylho à frente do turismo do município, não só pela capacidade e pela competência que ele possui, mas, também, pela visão estratégica que possui a familiaridade com a gestão passada, em razão do próprio trânsito no governo anterior, venha a ser vitoriosa.

A transferência de know how não vai ser um grande desafio, já que ele tem maturidade para assimilar as ideias já desenvolvidas, criar novas opções e colocá-las em prática. Em tudo e por tudo, trata-se de um bom nome à frente do turismo de São Luís.

RETROSPECTIVA | PRÊMIO CAZUMBÁ DE TURISMO

HOMENAGEM PÓSTUMA

Glacymar Marques

é homenageado no Prêmio Cazumbá de Turismo

O empresário, já falecido, Glacymar Marques foi um dos homenageados da 1ª edição do Prêmio Cazumbá de Turismo.

Glacymar foi lembrado por ter sido uma das principais personalidades que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do turismo de uma maneira mais organizada no Estado do Maranhão.

Reconhecido como empresário de sucesso, que sempre valorizou o compromisso e a dedicação ao trabalho, Glacymar Ribeiro Marques (*in memoriam* 1922-2005) é natural da cidade de Parnaíba/PI, mas aos seis meses de idade veio para São Luís. Foi o primeiro representante da Pan Air Linhas Aéreas no Maranhão e criou a primeira empresa de táxi aéreo e a primeira Agência de Viagens do Estado.

Foi Secretário de Turismo do Governo de Osvaldo Nunes Freire (1975-1979) e um dos fundadores da ABAV Maranhão e do Clube Jaguaré. Também foi presidente do Rotary Club. Enfim, sua atuação profissional sempre manteve vínculo com a atividade turística. Esse elo com



Guilherme Marques recebe homenagem em nome de seu pai, o saudoso Glacymar Marques

aviões.

Com a melhoria das rodovias o número de passageiros decaiu e depois de 35 anos no mercado a empresa foi vendida a um grupo paulista. Mas, isso não foi motivo para abandonar seu compromisso com a atividade do turismo. Entrou em sociedade com o filho, Acyr Barbosa Marques, que já administrava a primeira Agência de Viagens do Maranhão: a Agência Gomes.

o setor do turismo teve início em 1949 quando detectou uma já expressiva demanda de passageiros que necessitavam viajar pelo Estado em um curto período de tempo. Naquela época, essa era uma proeza praticamente impossível de ser realizada, devido à inexistência ou precariedade de grande parte das estradas rodoviárias.

Assim, decidiu, convidar três investidores para serem seus sócios e criar a primeira empresa de táxi aéreo do Maranhão: a Táxi Aéreo Aliança, que foi inaugurada com dois aviões. Após seis meses, a empresa obteve 100% de lucro e a partir daí o seu crescimento foi contínuo resultando na compra de um total de 10

Após a morte do pai, em 1966, criou a Agência Marques LTDA., que funcionou durante 20 anos. Passado esse período, o Sr. Glacymar imaginou que sua missão já estava cumprida e que era o momento de se aposentar. Foi, então, que decidiu vender a agência, que depois se transformaria em Agetur Turismo.

Todavia, não conseguiu se manter afastado do trabalho que mais lhe satisfazia e, em 1989, criou a Glacymar Turismo que funciona até hoje e tem como prioridade o turismo emissor. A empresa é administrada pelos seus dois filhos, Guilherme e Acyr Marques.

Expediente

Editor Responsável

Reginaldo Rodrigues - SRTE 694/MA

Administração

João Rubem Nascimento

Assistente Administrativo

Nailde Ribeiro

Executiva de Contas

Ana Kezia Nascimento

Coordenação de Jornalismo

Paula Lima - SRTE 920/MA

Reportagens

Paula Lima

Paulo Melo Sousa

Colaboração

Antônio Noberto

Beatrice Borges

Pesquisador e Historiador

Marcos Tadeu N. da Silva

Projeto Gráfico

Wedson de Sousa

Tiragem

5 mil exemplares

Contatos p/ artigos, críticas e sugestões:

Fone Fax: (98) 3199-0040 / 8909-8347 / 8214-5279

jcazumba@jornalcazumba.com.br

reginaldorodrigues2010@hotmail.com

End.: Av Daniel de La Touche, 1001, sala 106, Ed. Elaine, Cohama, CEP: 65074-115.

Valor da assinatura anual R\$ 87,00

O jornal Cazumbá não se responsabiliza por textos assinados, assim como pela opinião do leitor.



Yes. Mais perto de você.

Alugue seu carro na Yes. Presente em mais de 80 localidades.

Yes São Luis
(98) 3246-1500 . (98) 8115-1100
Av. Daniel de La Touche . Cohama
saoluis@yesrentacar.com.br

Reservas Nacionais
0800 709 25 35
www.yesrentacar.com.br

YES
ALUGUEL DE CARROS

Por: J.R.Martins

Um pouco do antigo aos novos

Os contrarrêneos que nasceram nas décadas posteriores a 1960, com certeza desconhecem o que foi a cidade de São Luís do Maranhão em tempos anteriores ao seu crescimento para as bandas das praias. Praias que tinham o encanto de serem quase desconhecidas e inacessíveis; praias que desconheciam a sujeira dos esgotos e do descaso dos atuais frequentadores.

Provavelmente os mais novos pensarão que nossa centenária capital sempre teve suas ruas atulhadas de sujeira, de carros e marreteiros (como eram chamados os atuais camelôs); que suas residências coloniais, das mais singelas aos mais deslumbrantes sobradões, já viviam abandonadas. Ignoram que já foram habitadas pela elite da sociedade ludovicense; que as estreitas e bucólicas ruas algum dia foram calçadas com pedras "cabeça de negro" ou paralelepípedos, o que havia de mais moderno para esse fim; que românticos bondes trafegavam vagarosamente pelas tortuosas ruas, conduzindo tranquilos passageiros, diferentemente dos atuais coletivos de hoje que enfumaçam tudo, ameaçam a segurança e tiram o sossego da população.

A minha cidade, a cidade de minha infância e adolescência, era bem diferente dessa que aí está e que alguns sonhadores, como eu, ainda têm a esperança de trazê-la de volta. Pura quimera, naturalmente. Por mais que venham a surgir projetos com essa finalidade o utópico retorno nunca passará de um sonho. Embora a contragosto, deixando de lado a fantasia, sou obrigado a admitir que nossa antiga São Luís jamais retornará aos tempos que antecederam seu abandono. Sobraram apenas as recordações.

Ainda sem o assoreamento dos dias atuais, o mar agitado das grandes marés era um atrativo àqueles que se dirigiam à Beira-mar para assistir ao espetáculo. Era com saudável algazarra que festejavam, gritavam e riam quando molhados pela ressaca que se precipitava contra o paredão de pedras do cais. Esse fenômeno já é raro acontecer.

Onde hoje é a Praça Maria Aragão, havia uma grande área pantanosa cortada pelos trilhos que levavam as composições até Teresina, no Piauí. Ali era onde, igualmente, se situavam os viradores das locomotivas e as oficinas de manutenção dos trens.

O local onde edificaram o terminal ferroviário – hoje uma delegacia de polícia – foi resultante de aterramento da antiga Praia de Santo Antônio. Da Praia do Caju até a Rampa de Palácio – mais tarde denominada Campos Melo – havia ainda a Praia do Armazém, ou da Trindade, antes do Baluarte de São Damião (onde instalaram a Pedra da Memória) e do de São Cosme, onde construíram um coreto. Apesar da denominação praia adotada àqueles locais, verdadeiramente nunca existiram praias como nos acostumamos a ver: rendadas com grandes faixas de areias brancas.

Logo depois do prédio do Tesouro do Estado e dos Armazéns Gerais (atual Casa do Maranhão), havia uma segunda rampa de embarque/desembarque, hoje pouco lembrada, chamada Rampa do Comércio. Eram tantos os barcos que ali ancoravam que, lado a lado, tornavam-se uma verdadeira passarela por onde passageiros e embarcações transitavam até a terra firme. Era deslumbrante a variedade de cores das velas, como se fosse um painel pintado por um fino artista plástico. Infelizmente foi aterrada e, pelo que constato em pesquisas de campo, sequer existe algum documento ou registro fotográfico que testemunhe sua existência.

Juntamente com a mencionada rampa, também foram aterradas as do Portinho, do Desterro, além de outras localizadas em indústrias que davam fundos para o Rio Bacanga. Este rio também sofreu uma grave agressão, quando, em lugar de uma ponte, construíram uma barragem para ligação da cidade aos sítios situados na margem oposta. Ao que tudo indica, juntamente com o posterior aterro para construção do anel viário, deflagrou o processo de assoreamento da bela enseada originada da confluência dos dois prin-

cipais rios da ilha.

Da Montanha Russa até o final da Rua do Ribeirão não havia construções. Apenas um grande terreno insalubre, alagadiço, denominado Parque XV de novembro, onde circos encontravam lugar para armar suas grandes tendas e se apresentavam à população. Quando desocupado, era utilizado como campo de futebol pela gurizada das redondezas. Naquele ponto, em frente à Praia do Armazém, consta que foi enforcado o revolucionário Manuel Beckman, ou Bequimão, como se tornou conhecido. Em homenagem a ele, como forma de perpetuar sua imagem significativamente representativa na história do Maranhão, foi ali erigido um singelo monumento em forma de pirâmide.

Apenas na década de 1950 foi aberta a ligação para carros entre as avenidas Beira-mar e Pedro II (ex Avenida Maranhense). Como ainda não havia também a ligação da Rua do Egito com a primeira dessas avenidas (apenas executada após a construção da ponte), o trânsito de veículos entre o centro da cidade e a zona portuária, aí incluída a Beira-mar, era por demais complicado.

A carga e descarga de embarcações de grande porte, como navios, eram realizadas em grandes chatas, conhecidas como alvarengas, puxadas por possantes rebocadores. O negócio era explorado por algumas empresas particulares, como Nelson Faria e Couto & Cia. Por falta de atracadouro seguro – principalmente em razão da grande variação das marés – os navios fundeavam ao largo, na enseada fronteira à cidade, geralmente nas proximidades das Pontas de São Francisco e d'Areia. Ainda não havia sido construído o porto do Itaqui. As mercadorias eram apanhadas ou desembarcadas pelas mencionadas alvarengas em atracadouros dos Armazéns Gerais ou das indústrias – principalmente têxteis – localizadas às margens do Rio Bacanga.

Encerro por aqui esta primeira tentativa de resgatar um pouco da memória de São Luís, que hoje em dia anda tão esquecida.

Nestas férias, quer fugir pra outro lugar?



#vamosfugir

COMPROMISSO CVC
GARANTIA DE MELHOR PREÇO

APOIO TOTAL:
A CVC tem centenas de pessoas cuidando da sua viagem em cada momento para que você aproveite ao máximo.

Brasil

- Apoio da equipe CVC
- Passagem aérea
- Hoteis selecionados
- Traslados de chegada e saída
- Café da manhã
- Central de relacionamento
- Passeios
- Maior Rede de Lojas do Brasil

ROTA DAS EMOÇÕES

Fortaleza/Norte/Ventos/Encantes
8 dias / 7 noites

APARTAMENTO DE 10X
R\$ 238,80 SEM JUROS

À vista R\$ 2.388. 3 noites na Pousada do Norte, 2 noites na Pousada dos Ventos, 2 noites na Pousada Encantes do Nordeste + Circuito terrestre Fortaleza-Jijoca-Jericoacoara-Camocim-Parnaíba-Sete Cidades-Parnaíba-Paulino Neves + passeios de jipe e bugue + passeios de lancha. Preço para saída 16/fevereiro.



SIGA A CVC NAS REDES SOCIAIS

[e](#) [f](#)

/cvcviagens

Prezado cliente: os preços publicados são por pessoa, com hospedagem em apartamento duplo, com saídas de São Luís. Preços, datas de saída e condições de pagamento sujeitos a reajuste. Condições de pagamento: parcelamento 10 vezes sem juros no cartão de crédito. Ofertas válidas para compras até um dia após a publicação deste anúncio. Taxas de embarque cobradas pelos aeroportos, não estão incluídas nos preços e deverão ser pagas por todos os passageiros. *Garantia de melhor preço válida exclusivamente para as viagens nacionais acima anunciadas e para a rede de hotéis preferenciais CVC. Consulte a lista completa dos hotéis participantes com nossos vendedores. Para obtenção da garantia, o cliente deverá apresentar em uma loja CVC o orçamento da concorrência por escrito, de ofertas idênticas às anunciadas pela CVC. São compreendidas ofertas idênticas às da CVC aquelas cujas datas e horários da viagem (ida e volta), destinos e fornecedores (hotel e companhia aérea) sejam exatamente os mesmos, em todos os seus termos e condições. Alguns itens podem não estar disponíveis para todos os roteiros anunciados. Consulte inclusões e roteiros detalhados com nossos vendedores em uma loja CVC ou com o seu agente de viagens.

CVC SHOPPING SAO LUÍS.....	98 4009 2800
CVC TROPICAL SHOPPING CENTER.....	98 3227 6473
CVC IMPERIAL SHOPPING (Imperatriz).....	99 3523 3551
CVC SHOPPING DO AUTOMÓVEL.....	98 4009 2600
CVC SHOPPING DA ILHA.....	98 3311 8200
CVC LOJA SÃO MARCOS CENTER.....	98 3227 2811

cvc

TUDO POR UMA BOA VIAGEM

publicisredlion

TURISMO



TRADE em AÇÃO

Por Paula Lima - Jornalista
paulalimas@gmail.com
www.paulalimas.blogspot.com

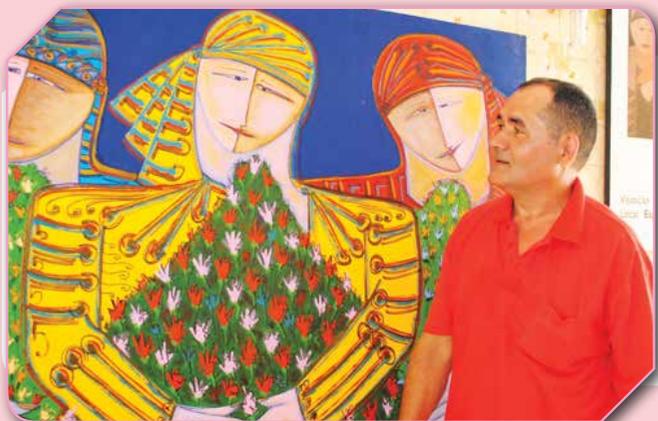
Do Baile da Corte ao Bloco da Imprensa e Bicicletinha do Samba. Veja aqui quem fez acontecer no **pré-carnaval 2013!**



Fotos: Reginaldo Rodrigues

▶ Campanha

A Associação Brasileira de Agências de Viagens inicia a Campanha Valorização do Agente de Viagens, com o slogan "Com uma Agência ABAV sua viagem é muito melhor!". Você que é Agente de Viagens e associado ABAV, apoie esta ideia também, para que os produtos e serviços de sua agência sejam sempre recebidos com muito mais credibilidade e qualidade. Não deixe de participar! Apoie, divulgue e multiplique esta ideia!



▶ 40 anos de carreira

Uma vida dedicada às artes plásticas. E lá se vão quatro décadas e um monte de recordações impressas em telas e esculturas nascidas pelas mãos de Francisco Sousa Ferreira, popularmente conhecido como Fransoufer. A equipe do Jornal Cazumbá parabeniza esse renomado artista pelos 40 anos de uma carreira brilhante.

▶ Boa notícia

O Jornalista Paulo Melo Sousa assumiu a direção da Galeria Trapiche de Arte indicado pelo presidente da Fundação Cultural do Município – FUNC, Francisco Gonçalves. "Estamos elaborando uma programação para a galeria, que inclui, além de exposições, oficinas artísticas, dentre outras ações. Espero uma visita de todos ao local, e sugestões para que possamos desenvolver ali um trabalho coletivo, de inclusão social, com planejamento estratégico, trabalhando com gestão compartilhada", disse Paulo Melo.



▶ Parabéns

Não poderíamos fechar esta edição sem dá os nossos parabéns ao secretário e adjunto de Turismo de São Luís, Lula Fylyho e Guilherme Marques. Que juntos façam o melhor pelo turismo ludovicense!

A culinária
do Maranhão
e do mundo
para você



Horário de funcionamento:
Almoço - 12:00 às 15:00 (Segunda a Sábado)
Jantar - A partir das 19:00 (Quinta e Sexta)
Eventos - Casamentos, formaturas, lançamentos,
happy hour etc.

Restaurante SENAC
Praça Beneditina Leite - Centro Histórico
Reservas: 3195 1100





NO CERNE DA QUESTÃO

Por Antonio Noberto

Pesquisador / Consultor de Turismo / Membro do Conselho diretor da Aliança Francesa de São Luís e Sócio-efetivo do IHGM / antoniooberto@hotmail.com

Primeiramente, o título deste artigo nada tem a ver com o nome de uma novela. Ele e o texto em si, pretendem chamar a atenção para a secular desatenção dada ao estrangeiro no Brasil e as oportunidades que se descortinam com a valorização da presença deles a partir da racionalização da atividade turística. Segundo, além de uma questão de educação e civilidade, a acolhida ao estrangeiro é também uma recomendação divina, referenciada na Bíblia Sagrada desde os tempos mais remotos. O Antigo Testamento é pródigo em recomendar guarida e proteção ao estrangeiro, categoria lembrada, inclusive, nos Dez mandamentos. "O estrangeiro não afligirás, nem oprimirás, pois estrangeiros fostes na terra do Egito" (Êxodo 22:21). E uma das premissas para ingresso no Paraíso, citada por Jesus Cristo no Grande julgamento em Mateus 25:35, é a atenção e recepção ao forasteiro: "Era estrangeiro e hospedastes-me". Terceiro, em tempos de aproximação de grandes eventos internacionais, como Olimpíadas e Copa do Mundo, não é interessante continuarmos indiferentes às oportunidades de geração de emprego e renda, quase um crime de lesa-pátria, praticamente sem política pública efetiva e propositiva dirigida aos turistas domésticos e estrangeiros.

Turismo não é brincadeira ou coisa de gente desocupada, mas a indústria que mais cresce e gera emprego em todo o mundo (um em cada nove), tendo superado setores econômicos de peso como o petrolífero e o automobilístico. A Espanha, que atualmente enfrenta uma das piores crises, não faz muitos anos constava entre as economias mais importantes, dinâmicas e promissoras da Europa, tudo porque conseguiu fazer valer algumas de suas potencialidades, entre as principais a atividade turística. Em uma década os espanhóis quadruplicaram o PIB turismo, de 4% para 16%. Algo espetacular e invejável. O que justifica então um país de dimensões continentais como o Brasil, com quase duzentos milhões de habitantes, com tanta riqueza natural e cultura tão diversa, nosso desempenho nesta atividade patinar sobre pífios 3,6% do PIB.

Nossa própria história nos dá muitas respostas

sobre a situação. Uma delas é a tradição da cultura agrária. É fato que cada uma das diversas regiões do mundo possui papel previamente definido no motor produtivo mundial. À América Latina, especialmente ao Brasil, a parte que lhe cabe na herança é a produção de matérias-primas e a agroexportação. Quando muito, fugindo um pouco da sina, alcançamos degraus satisfatórios na indústria. O setor de serviços, apesar de responder pela maior parte do PIB, continua sem a atenção e o aprimoramento devidos. E dentro deste, mais renegado ainda, está o turismo. A título de comparação, o PIB turismo argentino é mais que o dobro do brasileiro, o uruguaio idem, mexicano 9% e o da República Dominicana quase o triplo, 10,1%. Veja que usamos aqui apenas exemplos latino-americanos.

Outras dificuldades também tem raízes na história. A entrada de estrangeiros no Brasil, por exemplo, foi proibida durante quase dois séculos, apesar de muitos terem conseguido furar o bloqueio português. Só com a chegada da Família Real e, mais precisamente, com a "abertura dos portos às nações amigas", em 1810, que o país passou a receber demandas estrangeiras.

Foram os viajantes estrangeiros que, até o final do século XIX, nos legaram a maior parte do conhecimento sobre o Brasil, foram eles "que percorreram, registraram e descreveram" a população, fauna e flora brasileiras. Muitos deles deixaram por escrito protesto contra abusos e ações tresloucadas do governo, que, entre outros, não permitia a entrada e circulação de livros e literaturas que não fossem de cunho religioso. Qualquer outro era automaticamente revistado ou confiscado e apreendido na alfândega. A liberação, ah essa daí você, conhecedor da nossa famosa burocracia estatal, pode tirar suas próprias conclusões! Um dos viajantes mais conhecidos daquele início de século foi o cronista luso-inglês Henri Koster, que buscava o clima tropical com vistas à cura de uma tuberculose. Ele, que teve os livros de história confiscados nas alfândegas e portos do país, viajou de Recife ao Maranhão entre 1810 e 1811, e escreveu em sua importante obra: "São tantas as dificuldades que se experimenta nos portos do Brasil que percorri, que o único recurso para tê-los (os livros) é o contrabando" (Viagens ao

Nordeste do Brasil. Ed. Brasileira, 1942. P. 241. Notas de Câmara Cascudo). No porto de São Luís, Koster, só conseguiu reaver seus livros após petição formal ao governador. Outro procedimento contra os estrangeiros era a perda do nome original, o aporuguesamento dos sobrenomes.

Segundo o escritor Mário Jorge Pires, autor da obra Raízes do Turismo no Brasil (Manole, 2001), tudo isto fazia parte de um "pacote" contra a presença alógena. O colonizador tentava assim manter os estrangeiros distantes das riquezas do país. Apesar da participação forasteira na formação do Brasil, com destaque para franceses, espanhóis, holandeses, ingleses, escoceses, dentre outros, e das ondas imigratórias a partir da segunda metade dos novecentos, sendo sírio-libaneses, italianos, alemães, poloneses, suíços, belgas, japoneses, chineses, dentre muitos outros, inexistiu uma política eficiente para a captação de forma mais objetiva das muitas demandas estrangeiras interessadas em nos visitar. A secular tradição da baixa qualidade no atendimento – que à época colonial era algo sempre delegado a escravos – ainda é também um tabu a ser quebrado. O medo semeado propositalmente conta os estrangeiros – tachados de maus, piratas, contrabandistas, invasores, intrusos, hereges, perigosos, promíscuos e concorrentes – precisa ser revisto e trabalhado.

Os megaeventos que se avizinham demandam-nos muito mais que a competência em disponibilizar infraestrutura, vai nos requerer um perfil mais aberto e plural, uma visão menos xenófoba com relação ao estrangeiro, além de políticas públicas mais generosas àqueles que estarão aqui para conhecer este país, antes conhecido como a "terra sem males", e que deixarão bilhões de dólares e euros, e milhares de empregos. E se não conseguirmos encantá-los com nossas belezas, ou saudá-los com nossos gestos mais pródigos da gentildade, ao menos temos o dever de garantirmos uma estada sem sobressaltos e escusá-los de algum vexame secular, a final, o momento será de explorarmos o turismo e não o turista.

Lançamento do livro **Onde o Reggae é Lei**

Karla Freire e sua filha ladeados pelo professor Fabio Abreu, o jornalista Reginaldo Rodrigues e o historiador Marcos Tadeu durante o lançamento do livro

O livro trata das múltiplas faces do reggae na capital maranhense, bem como sua extensa trajetória desde as páginas policiais por os cadernos culturais. Hoje o ritmo atrai vários turistas que desejam conhecer essa melodia tão dançante da Jamaica Brasileira.

A jornalista Karla Freire realizou seu trabalho de campo para a dissertação do mestrado em Ciências Sociais, e que agora é editada como livro pela Edufma. Lançado no dia 25 de janeiro, no Centro de Criatividade Odylo Costa, filho – Praia Grande.

A obra busca identificar os atores e conflitos do reggae em São Luís, desde a inserção do ritmo na cidade, seu fortalecimento em festas de periferia até o reconhecimen-

to como parte da identidade da capital.

Com mais de 60 fotos raras de festas e personagens do reggae local, o livro traz depoimentos das mais diversas pessoas que vivenciam o reggae na cidade e analisa o uso que se faz do ritmo como um instrumento político e as tentativas de consolidá-lo enquanto produto turístico.

Hoje o ritmo é querido por todas as classes sociais, que além da dança, buscam conhecer o amplo significado da cultura reggae. "É impossível o ludovicense ignorar o reggae", diz a jornalista.

O livro pode ser encontrado nas livrarias Poeme-se e Leitura, na banca da Praia Grande, no Xico Disco e com a própria autora.

Entrevista

LULA FYLHO

Secretário de Turismo de São Luís

O Jornal Cazumbá entrevistou o novo Secretário de Turismo de São Luís, Lula Fylho, que é empresário no setor de entretenimento. Com sua experiência pretende potencializar o turismo ludovicense, buscar atendimento de qualidade aos visitantes, valorizar manifestações culturais e fortalecer a economia turística do município.

Jornal Cazumbá: Lula como você recebeu o convite do prefeito Edivaldo Holanda Júnior para assumir a secretaria de turismo do município no lugar de Liviomar Macatrazo?

Lula Fylho: Estamos observando que a secretaria de Turismo vem de uma crescente constante. Independente do trabalho ter ficado quem ou além do que os antecessores podiam fazer, o turismo de São Luís é uma crescente constante. Mesmo não refletindo isso em números a quantidade de projetos que estão sendo fomentados a perspectiva do turismo são grandes e os resultados a grande maioria não são de curto prazo a grande maioria são de médio, longo prazo. O momento do turismo no mundo é complicado porque a Europa, que é um grande destino emissor está em crise, então a Europa como outros países como o Brasil tem trabalhando muito o turismo interno. Então, muitos dos resultados que não aparecem no turismo é dividido a essa equação, os emissores estão em crise e o turismo interno é muito caro. Mas o próprio Ministério do Turismo já percebeu isso e já está começando a trabalhar algumas políticas para favorecer o aumento e o incremento desse turismo interno.

JC: E qual a expectativa para a gestão que se inicia?

LF: Para ser sincero eu não sabia que seria secretário, nunca fui sondado, nunca fui questionado se aceitaria ou não o cargo. Não estava nos meus planos profissionais. Mas, aceitei o desafio e o meu foco principal hoje é deixar um legado na cidade, alcançando o patamar que merece, ver a população usufruindo dos benefícios do turismo.

JC: Você é ludovicense, que vive nessa cidade e vivenciou muitas experiências, além de ser um empresário de setor que trabalha diretamente com o turismo. Qual a experiência que traz para secretaria e como começou no turismo?

LF: Primeiro eu não sou ludovicense de nascimento eu sou de coração. Nasci em Terezinha/PI, mas moro aqui desde 1980. Então, eu já estou há 32 anos na cidade e respiro São Luís, meu sangue já pulsa São Luís, eu amo São Luís. Trabalho na área, mais especificamente, no setor de bares e restaurantes, há 26 anos, desde muito novo. No início ajudava minha mãe e depois montei meu próprio negócio. Mas, não foi a minha experiência frente ao restaurante ou a entidade a qual presidia (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes/MA) que me credenciaram para ser o secretário de Turismo e sim toda a minha formação na busca para ser um bom gestor. E é isso que eu trago de boas práticas para o melhor desenvolvimento de equipe.

JC: Qual será o foco da sua gestão?

LF: Quem me conhece sabe que sempre primei pela QUALIFICAÇÃO e esse será um ponto forte dessa gestão. Nós vamos qualificar mais que a sede da copa do Nordeste. E para isso acompanharemos as metas de qualificação dessas sedes e vamos qualificar mais que eles. Isso vai ser uma marca da nossa gestão.

JC: Você pegou uma secretaria eminentemente técnica. É uma secretaria que tem um ambiente político muito forte e tem servido como cabide de satisfação eleitoral ao longo dos anos, assim como tantas outras. E pergunto: quais foram as providências que o Lula Fylho tomou ao assumir a secretaria?

LF: PRIMEIRO: levantamento minucioso de contratos e convênios, analisando o tinha pendente, o que precisa, prestação de contas que tinham problemas. SEGUNDO: levantamento de inventário, como forma de tornar o ambiente de trabalho mais agradável, pois são três salas de material sem utilização é necessário saber o que é realmente importante. TERCEIRO: quem são as pessoas que contribuem e aquelas que não contribuem. QUARTO E ÚLTIMO: análise dos projetos que temos, principalmente os que estão a vias de serem aprovados. Identificamos os que estão relacionados com a economia do turismo e incremento do Centro Histórico, que também serão focos da gestão. Como você mesmo disse não é a secretaria que tem um lado eminentemente político, o que temos que



Foto: Reginaldo Rodrigues

fazer é com que esse lado eminentemente político não seja o viés da gestão.

JC: Em relação a estrutura administrativa da SETUR, o senhor pretende fazer alguma modificação?

LF: Com certeza, é uma estrutura que não atende mais a realidade. Acredito que a mudança de fundação para secretaria foi feita sem uma análise apurada. Pegaram a estrutura da fundação e transformaram em secretaria. Precisamos dá um incremento maior e intensificar ações do meio, isso são bases fundamentais para o crescimento do turismo. Precisamos da figura do superintendente. Aqui o secretário lida direto com oito coordenações, com atividades, meio e fim tudo junto. Existe a necessidade de analisar e já está sendo feito isso, o escopo de cada coordenação, em seguida nós vamos montar uma nova estrutura e propor ao prefeito que leve a câmara para aprovação.

JC: Quais os planos para a SETUR de imediato, além dessa modificação, da figura do superintendente?

LF: Como prioridade temos o carnaval, temos o São João para divulgar e pretendemos fazer uma das melhores divulgações que já foram feitas, atraindo realmente destinos emissores. Vamos fazer um trabalho muito estratégico de análise e inteligência, para que com menos recursos nós otimizemos os resultados. Para trabalhar e intensificar a questão de estatísticas precisa-se ter indicadores não só quantitativos, mas qualitativos e que nos remetam a análise da percepção do turista e a percepção do morador da cidade. Os números serão confrontados, o trabalho será feito de forma que a população e o turista saiam ganhando, vai ser um jogo cinético mesmo. Outro fato é que precisamos deixar que as ações da secretaria fluam muito mais tranquilamente, isso requer uma melhoria na comunicação interna, então nós vamos trabalhar uma horizontalização da comunicação, para que as pessoas que trabalham aqui possam engajar-se no que a secretaria faz, não importa se é motorista, coordenador de análise mercadológica, administrativo, financeiro, todos devem saber o que a secretaria está fazendo, se propondo a mostrar ativos os resultados.

JC: São Luís é um município que enfrenta diversos problemas. Na sua opinião, quais os principais problemas que ocorrem na cidade e que impedem o maior desenvolvimento do turismo? O senhor se sente preparado para enfrentar estes desafios?

LF: Vou começar de trás para frente. Eu me sinto muito preparado para enfrentar os desafios que acometem nossa cidade e atrapalham o desenvolvimento do turismo, se não estivesse preparado eu não teria aceitado, porque aqui a gente se torna uma vitrine exposta a todos e tudo, às pessoas que querem nosso bem ou querem nos derrubar. Então eu não ia me colocar em uma vitrine dessas se eu não estivesse preparado para assumir. Nós temos vários problemas estruturantes, para isso já estamos lançando o Comitê Gestor do Centro Histórico Revitalizado. Ele já existe e está sem atividade desde 2009. No entanto, tinha um caráter muito mais discursivo e hoje ele vai assumir um caráter mais deliberativo. Quem participar já vai

sair de lá com ações e paquitando prazos para executar essas ações. Precisamos mostrar resultados e uma nova postura. Esse resultado precisa ser refletido em avanços para a sociedade, para os negócios e para o turista. Para as questões estruturantes, vai ser feito um trabalho bastante sinérgico com as outras secretarias e aproveitar toda essa transversalidade que existe no turismo. Será um esforço concentrado para que se tenham políticas mais efetivas com ganhos para o turismo.

JC: O Prefeito tem conhecimento dessa problemática que envolve o turismo de São Luís?

LF: O prefeito não só tem ciência, como está dando força total para que isso se resolva, nos deu carta branca para procurarmos os secretários e estabelecer parcerias, relações institucionais, inclusive com o Governo do Estado. Ele sabe que é impossível realizar trabalhos vultosos se trabalharmos sozinhos, pois os resultados são pequenos. Existe uma frase que eu gosto: "se quiser avançar ande só, se quiser ir mais longe e construir grandes projetos ande junto, bem acompanhado de preferência", então é isso que estamos buscando, boas companhias, sempre respeitando as limitações e o papel de cada um. As secretarias não são órgãos ou coordenações da Secretaria de Turismo, são parcerias institucionais. Nós vamos buscar as outras secretarias, inclusive as do Estado, para que o resultado seja vultoso, seja de grande porte, porque assim atingimos muito mais pessoas da população.

JC: Um dos grandes problemas da gestão passada foi o descaso com o Centro Histórico. Trata-se do coração do turismo na capital, mas o cenário não é nada bonito. O que será feito para combater ou minimizar este problema?

LF: Vamos procurar também a iniciativa privada para estabelecer parcerias pública, privada, incentivar a iniciativa a se instalar no Centro Histórico. Quando falamos em instalação no Centro Histórico não se fala só de bares, restaurantes e pousadas que é tradicional, por exemplo, existe uma Lei de 2008 que preconiza um desconto de 3% do ISS de empresas de tecnologia que trabalham no centro, se essas empresas vão ter um incremento na sua renda de 3%, se elas deixam de pagar 5% e pagam 2% elas podem pegar um casarão, que é particular e restaurar. E é isso que nós vamos incentivar. Tudo que pudermos fazer pelo Centro Histórico será feito, todas as ações que venham valorizá-lo serão realizadas, nós vamos ter um Centro Histórico revitalizado daqui a 4 anos.

JC: A Secretaria de Turismo trabalha com muitos projetos que já são conhecidos, como a Serenata e o Turismo Anfítrio. Existem outros projetos que não saíram do papel, a exemplo do Museu da Gastronomia. O que o senhor pretende fazer com esse espaço? E em quanto tempo ele será entregue de fato à comunidade?

LF: O museu não poderia estar em melhores mãos, foi uma excelente indicação de Edivaldo o nome de Fabio Henrique Farias para gestão do Museu. Ele é uma pessoa militante e engajada do turismo, crítica do Estado. Ele está muito determinado a trabalhar para o Museu da Gastronomia sair do papel. E trata-se de um projeto que o Ministério do Turismo já mandou recursos. Por vários problemas de obra, nunca saiu. Fizemos uma visita ao prédio e observamos que 70% da obra não está concluída. Vamos fazer alteração do formato, já que não concordamos com o formato atual. Esse museu precisa ser um museu vivo, precisa ser um museu escola, um museu onde são degustados petiscos. Precisa ser autosustentável. Eu não posso dá uma previsão de quando sai, mas eu posso dizer que o Museu da Gastronomia, também, por estar no Centro Histórico ganha um status ainda mais importante. Nós vamos trabalhar muito forte para apresentar esse museu como ele deve ser para a sociedade, para a população e para os turistas que visitam a cidade, conhecendo e fortalecendo a gastronomia, que é outro aspecto cultural e grande atrativo turístico que possuímos. Então, a gastronomia também é importante para esta gestão.

Por: Paulo Melo Sousa

Foto: Divulgação / Arquivo Cazumbá



Territórios indígenas, assim como comunidades quilombolas, são os exemplos mais evidentes a serem citados quando se fala em turismo étnico

O grande filão do turismo étnico

Nos últimos anos, o governo brasileiro despertou para o filão econômico proporcionado pela indústria turística, considerada limpa e rentável, sobretudo após a conscientização de que o país representa um dos mais importantes destinos de todo o mundo, em tal setor. Com o incremento do turismo, vem sendo observado, ao mesmo tempo, uma segmentação cada vez maior em tal atividade, despontando o turismo étnico como saudável novidade.

A etnicidade é um fenômeno social que reflete vertentes de identificação e inclusão de determinadas pessoas em um grupo étnico, definido a partir de pressupostos ligados à sua origem, cultura e história. Duas tendências surgiram para estabelecer a definição de tais grupos: a primeira delas, conhecida como essencialista, buscou estudar as populações sob o ponto de vista histórico e cultural. A segunda, de viés construtivista, estudou os impactos provocados pelas relações sociais entre os grupos, observando suas fronteiras étnicas, o que nos remete à ideia de território, espaço no qual ocorrem os fenômenos estudados pela corrente essencialista. A existência dessa fronteira étnica cria, por si mesma, a atração turística.

O Brasil apresenta profundas, e ainda, bem conservadas raízes culturais originárias das diversas etnias que integram a sua população. Alicerçados em tal constatação, algumas entidades começaram a se movimentar no sentido de estruturar, desenvolver e explorar esse po-

tencial. Dessa forma, o turismo étnico apresenta como característica principal a oferta, ao visitante, de uma rara, rica e diversificada possibilidade de contato com lugares onde se evidencia a presença de comunidades que contribuíram para a formação do povo brasileiro, onde se percebe uma cultura preservada, que cultiva hábitos, manifestações folclóricas e costumes, dentre outros modos de se relacionar com o espaço no qual se encontram. Comunidades quilombolas rurais e territórios indígenas são os exemplos mais evidentes a serem citados quando tal assunto é abordado.

Turismo responsável

Várias Unidades de Conservação espalhadas pelo país, representadas por áreas demarcadas e legalmente reservadas para a preservação ambiental são habitadas por comunidades tradicionais, que estabelecem secularmente uma relação de equilíbrio com o ecossistema no qual se encontram, explorando os recursos naturais por meio de uma agricultura de subsistência e do extrativismo manejado de forma naturalmente racional. Atualmente, discute-se a utilização do turismo ecológico, ao lado do turismo étnico como nova alternativa de sobrevivência dessas populações, embora existam questionamentos acerca de tal procedimento. Não deve existir separação entre a exploração turística e o meio ambiente por meio de qualquer intervenção de ordem arquitetônica, por

exemplo.

As construções das casas de moradores de comunidades tradicionais geralmente são adaptadas ao local, sobretudo às condições climáticas, ocorrendo a utilização de recursos naturais à disposição, tais como folhas de palmeiras usadas para a cobertura das moradias, o que revela uma das nuances da tradição. A extração da palha acontece de acordo com a lua, aumentando a durabilidade do material, e somente uma determinada quantidade é retirada de uma mesma planta, sem prejuízo para a sobrevivência e regeneração da árvore. Esse procedimento revela uma cultura que finca suas raízes na ancestralidade. Mostrar essa prática ao visitante de uma comunidade quilombola rural revela uma das vertentes do turismo étnico. Em tais locais, deve-se evitar, contudo, grandes concentrações de pessoas, o que vem sendo feito por intermédio da conscientização, tanto dos moradores quanto dos turistas, respeitando-se a necessidade de preservação e a valorização do patrimônio cultural e natural.

Visitas às comunidades quilombolas podem ser agendadas por escolas ou por pequenos grupos de interessados. Nesses locais, pode ser oferecido aos turistas um café da roça, acompanhado por milho, macaxeira, beiju ou cará, a maior parte dos alimentos sendo produzido pela própria comunidade. Passeios em trilhas ecológicas, visitação de uma Casa de Farinha ou às casas de artesãos tradicionais são deliciosas opções. Nesses passeios as pessoas podem



Comunidade do Frechal em Mirinzal/MA - Os moradores da região nos deliciam com seus conhecimentos ancestrais

Foto: Reginaldo Rodrigues / Arquivo

se encontrar com os griôs, geralmente senhores ou senhoras de idade que são exímios contadores de histórias e que deliciam os turistas com seus conhecimentos ancestrais. O visitante ainda pode desfrutar do contato com manifestações culturais locais, tais como o Tambor de Crioula, o Bumba Meu Boi, a Dança do Coco Ba-

baçu (presente na comunidade de Cajueiro, em Alcântara), dentre outras atrações similares.

No Maranhão, existe uma das maiores concentrações de comunidades quilombolas rurais do Brasil, destacando-se, por exemplo, o Quilombo de Frechal, situado no município de Mirinzal. Só em Alcântara, existem mais de cem

comunidades já registradas. A prática de um turismo sustentável nessas comunidades, caracterizando o turismo étnico, pode ser um grande negócio gerador de emprego e renda para os moradores, vertente que precisa ser estimulada pelos gestores públicos estaduais o quanto antes, de forma responsável e equilibrada.

ARTISTA DA TERRA

Por: Paula Lima

A arte fotográfica de Fernando Sah

Natural de Pindaré-Mirim/MA, graduado em Desenho Industrial, o fotógrafo Fernando Sah reside em Brasília-DF. Com inúmeros trabalhos premiados em concursos nacionais, já exibiu suas fotografias em centros culturais do Brasil e do exterior. Fotografando há mais de 40 anos, vem realizando atualmente experimentações a partir do uso do Photoshop, conferindo às suas obras efeitos do craquelê, do pontilhismo e do mosaico, o que o aproxima da pintura, lembrando, em alguns casos, o impressionismo, com forte nuances líricas.

O fotógrafo concedeu a seguinte entrevista sobre a sua arte:

Caro Fernando Sah, fale-nos um pouco sobre a sua trajetória de vida, como foi sua infância, e como veio para São Luís.

Eu nasci em Pindaré-Mirim, em 1943. Tive uma infância feliz como toda criança do interior, cercado pelos quintais, por cavalos, banhos de rio, pescarias, brincadeiras de crianças. Aos dez anos, saí do Pindaré para morar com os tios Aldemir Silva e Conceição Gandra, e estudar em São Luís. Foi um começo difícil, a adaptação. Depois as coisas mudaram. Morando na Rua Djalma Dutra, fiz novos amigos e brincava na Av. Pedro II, na Rua de Nazaré, na Escadaria do Beco da Catarina Mina e adjacências. Driblar os bondes era a minha brincadeira favorita, mas, aos poucos, a beleza da arquitetura do Centro Histórico de São Luís começou a chamar a minha atenção. Fazia desenhos de sobrados, copiava azulejos e pintava, por pura diversão.

Como você começou a trabalhar profissionalmente com fotografia?

Em 1975, meus primeiros trabalhos

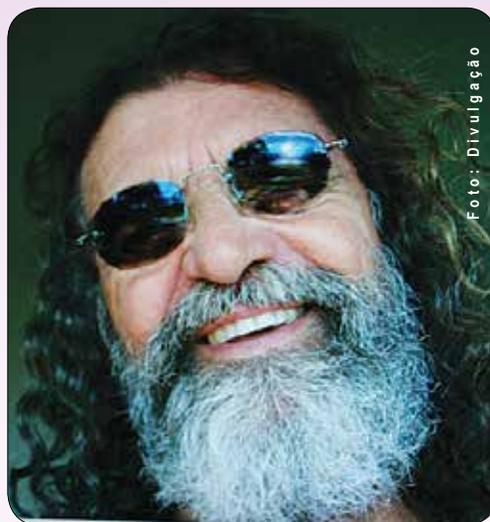


Foto: Divulgação

fotográficos foram publicados no Suplemento do jornal O Estado do Maranhão, SETE DIAS, coordenado pelo jornalista Pergentino Holanda, a primeira pessoa a acreditar no meu trabalho e, por dois anos publiquei mais de 400 fotografias em ensaios fotográficos tendo como tema, sempre, mulheres, e aprendi muito com essa experiência. Em 1979, a convite da Direção Geral do Banco do Brasil fui trabalhar em Brasília, para onde me mudei de mala e cuia. Trabalhei então com arte gráfica por mais 14 anos, e aprendi muito sobre fotografia gráfica. Então, comecei a participar de concursos nacionais, recebendo menções honrosas pelos trabalhos. Ganhei o concurso para a escolha da capa do Catálogo Telefônico do Maranhão, de 1980, com uma fotografia da Rua do Giz. Na década de 80, mostrei meu trabalho por duas vezes em exposições coletivas no Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB, no Rio de Janeiro.

A fotografia foi, então, como que plasmada definitivamente à sua alma...

É verdade, a partir dos anos 90 eu não resistia mais e tudo o que via pela frente chamava a minha atenção. Passei a andar com a máquina fotográfica a tiracolo. Por muitos anos dediquei-me a fotografar minhas duas filhas, Marina e Tereza. Só tinha olhos pra elas. No ano 2000, fui com minha família para os Estados Unidos, onde morei durante um ano. Então, milhares de fotos aconteceram, foi um momento de muita aprendizagem, com ampla leitura de livros fotográficos, o que culminou com uma exposição coletiva em Newark, estado de New Jersey.

Um grande fotógrafo é um esgrimista do olhar, e lança mão de um recurso que ainda não possui definição, a intuição. Você conjugou, no seu trabalho profissional, a técnica e a sensibilidade do artista. Nesta sua exposição, a técnica é um ingrediente a mais na sua fotografia.

Sim, eu me transformei num pintor sem tintas ou pincéis, usando o computador e seus programas. Estou aprendendo ainda, mas, gosto de sentir novas emoções e quero mais. A tecnologia abriu mais a minha cabeça, a minha criação, a minha vida. Depois da exposição "São Luís, um sonho...", na capital maranhense, a vida continua e já estou me preparando para um novo voo que deverá acontecer em 2013. Uma inquietação permanente toma conta de mim e quero, sempre, mostrar mais.

Por: Reginaldo Rodrigues



Foto: Internet

Cajari-MA: uma rica reserva hídrica que favorece o ecoturismo

“...Quero o apito do engenho de flores, Chamando pra trabalhar...”
– Trecho da música Engenho de Flores, de Josias Sobrinho

Quando eu era criança tinha um monte de questões, dúvidas. E uma das era sobre a música “Engenho de Flores” de Josias Sobrinho, especialmente quando ele diz “... Quero o apito do engenho de flores, Chamando pra trabalhar...”. Eu ficava imaginando como seria esse engenho. Claro! Eu costumava pensar quão bonito devia ser esse lugar, para ser cantado de maneira tão magistral.

Os anos se passaram, descobri que o Engenho de Flores de Josias Sobrinho ficava na cidade de Cajari, localizada na Baixada Maranhense, onde se concentra uma das paisagens mais bonitas do Estado. E para lá fui conhecer esse lugar. Mas, um misto de euforia com decepção tomou conta de mim quando cheguei ao município. Decepção em saber que o Engenho de Flores não existe mais. Segundo relatos de moradores, até mesmo as ruínas do lugar se desfizeram com o tempo e também com a depredação humana.

Como tudo começou

Mas, Cajari é um lugar fantástico. Sua história pode ser contada a partir 1851, quando o local era um simples porto da tradicional Fazenda Cadoz,

de propriedade do Cel. Jerônimo Viveiros (membro da tradicional família Viveiros).

Nessa época existiam, apenas, os armazéns onde eram depositados o açúcar, de produção da fazenda em referência, assim como gêneros de produção do Estado, procedentes de diversos pontos do interior do município de Penalva, que tempos depois foi separado e virou município.

No então porto, era comum ancorar barcos à vela e também alguns vapores de navegação fluvial-marítima, o que dava uma dinâmica muito grande e fazia do Porto de Cajari essencial ao desenvolvimento da região, naquela época.

Seus moradores chegaram com a abolição da escravidão no Brasil em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, onde ocorreu a liberdade total e definitiva aos negros brasileiros. A partir deste período muitos negros libertos mudaram para região e lá fixaram suas moradas e desenvolveram suas atividades cotidianas. Também construíram uma capela sob a invocação de São Benedito, hoje padroeiro da cidade.

Neste mesmo período, surgiram, então, algumas casas comerciais, oficinas rústicas, escolas particulares e posteriormente, públicas.

Os moradores da região vivem de pesca, lavoura, comércio e serviço público.

Onde fica

Localizada a 200 km da capital São Luís, tem uma população de quase 20 mil habitantes e uma área territorial de 662 km². Situada às margens do rio Maracú, a pequena cidade foi fundada em 1948, ainda com o nome de Vila Barro Vermelho.

Cajari é um lugar bastante visitado por pessoas de todas as idades, principalmente, no período invernos quando aumenta o nível das águas e as pessoas podem se divertir em pescarias, passeios náuticos, contemplativos e se refrescando nas águas frias dos campos, lagos e lagoas das muitas ilhas do lugar.

Origem do nome da cidade

Banhada pelas águas do rio Maracú, o nome da cidade, segundo moradores, é em homenagem ao Lago Cajari, que é considerado o maior e mais rico em pescado da região da Baixada Mara-



Fotos: Reginaldo Rodrigues

nhense. Cajari antes de ser emancipada pertencia ao município de Penalva.

A lenda contada pelos moradores da cidade

Chegando na cidade os moradores logo falam da lenda que rege a cidade. Diz a lenda, que o rio Cajari, que banha a cidade, foi formado quando um índio muito corajoso matou um Arapapá para dar à sua mulher, que estava grávida e desejando comer este animal, o índio matou o animal, e o arrastou até sua tribo. Os seus grandes bicos foram riscando o chão, formando sucos na terra, criando assim o rio que leva seu nome.

Hospitalidade que contagia

Chegar até a cidade não é fácil devido a má conservação da MA, que liga Viana à Cajari. Mas, com certeza, há algo que logo perceptível ao chegar na pequena cidade: o bem receber, a hospitalidade, a atenção dada pelo cajariense, que encantam. Lá os moradores sempre te recebem com um sorriso no rosto e uma vontade de mostrar o melhor.

Arqueologia

De bioma amazônico, o município também é um celeiro para pesquisa arqueológica. Segundo o relato de cronistas e pesquisadores, a ocupação desse território aconteceu em tempos pré-colombianos por tribos neolíticas lacustres construtores de aldeias sobre palafitas. Os vestígios dessas aldeias (milhares de esteios) recebem o nome de estearias, sítios arqueológicos que no Brasil só

foram identificados na baixada maranhense. Os estudos arqueológicos apontam que a principal estearia, localizada no lago Cajari (enseada do Quebra-Coco) era uma autêntica cidade lacustre com mais de 2 km de extensão e com uma população considerável.

Na década de 1920, o pesquisador e historiador Raimundo Lopes deu início aos pioneiros estudos de pesquisa desses sítios arqueológicos da Baixada Maranhense. O intelectual elaborou as

primeiras hipóteses sobre essas ocupações, atribuindo sua vinculação a grupos amazônicos tardios que se deslocaram até o limite ocidental de ambiente de floresta equatorial úmida.

Durante dez anos, Lopes investigou a área da Baixada e localizou as “estearias” do Lago Cajari, no município de Penalva, do Encantado, em Pinheiro, e outras ocorrências no rio Turiaçu, no município de Santa Helena. Os ambientes característicos da região, incluindo os campos, rios e lagos foram



Foto: Reginaldo Rodrigues



percorridos com base nas informações colhidas junto às populações regionais.

Foram, então, identificados os primeiros locais de interesse arqueológico e recolhida uma diversificada coleção de artefatos e fragmentos, assim como: vasilhas de cerâmica com pinturas internas, muiraquitãs, cunhas e lâminas de machado, tortuais, pesos de redes, assadores circulares e uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica utilitária, muitas com marcas de fogo.

Os estudos desenvolvidos até o presente geraram dados bastante limitados sobre os doze sítios atualmente conhecidos, encontrados dispersos em uma região de bacias lacustres abrangendo cerca de 40.000 km.

Curiosidades

O município tem muitas áreas de remanescentes de Quilombos, como o povoado de São Miguel dos Correias, a comunidade tem 53 casas e mais de 300 habitantes. O curioso é que todo o povoado é constituído de apenas uma família, os Correias. O patriarca dessa família é o Sr. Manuel Correia (na foto ao lado), 86 anos, que tem 23 filhos, 228 netos, 30 bisnetos e 8 tataranetos. Imaginem!

Fontes: *Blog rondonistaunitaucajari.blogspot.com.br* / IBGE / Internet

Agradecimentos especiais ao Jornalista e Radialista Geraldo Castro e a Assistente Social de Cajari Tatiane Ferreira pelo apoio e informações cedidas.

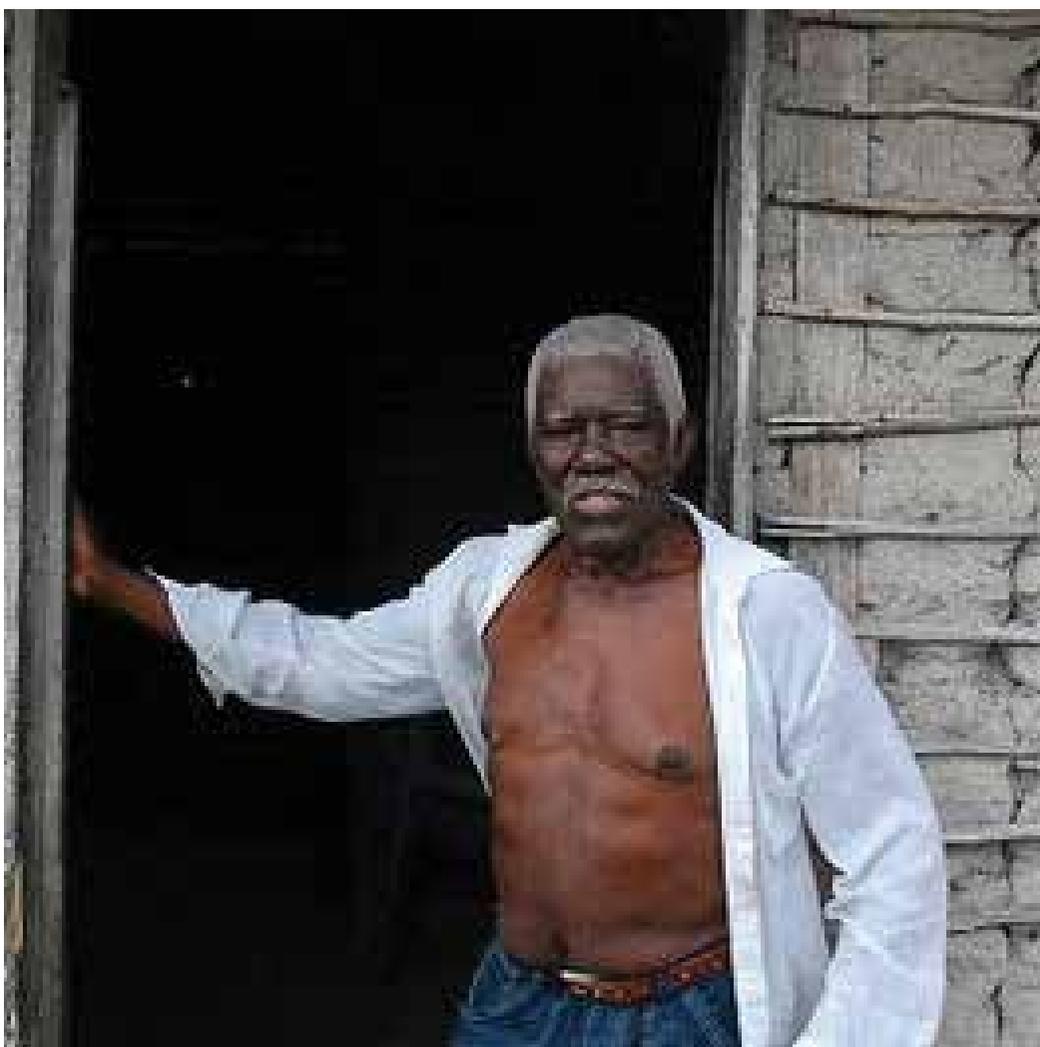


Foto: Blog rondonistaunitaucajari.blogspot.com.br

Cenas do Maranhão

Aqui você confere Cenas do Maranhão. Cenas que te encantam, te entristecem, te impactam, mas, acima de tudo, mostra toda a essência maranhense. Apaixone-se!



Foto: Reginaldo Rodrigues

Ao transitar pelas rodovias (MA), que cortam a baixada maranhense, é comum se deparar com manadas de búfalos, que para os desavisados pode ser bastante embaraçoso. O búfalo para muitos, ainda, é um animal exótico e chama atenção, especialmente quando está em seu ambiente natural pela maneira como vive quase sempre submerso nas águas dos campos inundáveis da

baixada, onde comem e devastam tudo que encontram pela frente.

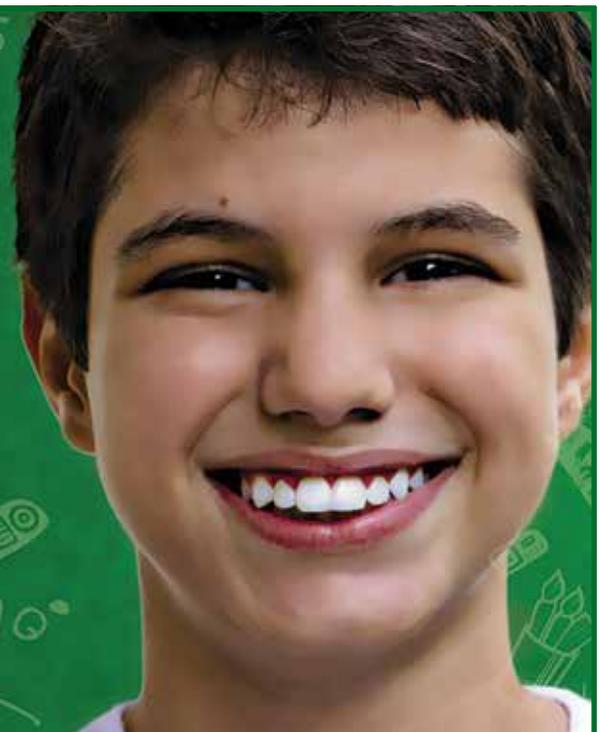
Entretanto, o animal adquiriu ao longo do tempo, características próprias de adaptação ao ambiente hostil com alimentação à base de alimentos volumosos grosseiros. Entre essas características, destacam-se a rusticidade ao ambiente tropical, representada pela alta resistência às doenças comuns do

gado comum, alta capacidade reprodutiva, docilidade, entre outras.

A carne do búfalo é considerada mais sadia pelo baixo teor de gordura, mas, ainda, assim é pouco apreciada. Este animal, por muito tempo foi utilizado como animal produtor de trabalho e leite. Com baixa produtividade e eficiência devido o pobre desenvolvimento sócio-econômico da região.

Colégio
BATISTA
Daniel de La Touche

Mais que
tradição,
conhecimento
para toda a vida.



João Paulo
98 | 3131 1411

Renascença
98 | 3227 2684

www.batistaonline.com.br
diretoriabatista@gmail.com

Por: Paula Lima

Foto: Internet



Golpe sujo

Detritos mal encaminhados atrapalham até a reprodução dos peixes

Qual é o jeito certo de jogar fora óleo de cozinha usado e pilhas velhas? Esses dois produtos podem ser reciclados: o óleo para virar sabão e as pilhas para serem transformadas em metais reutilizáveis. Por isso, nada de mandá-los direto para o lixo. No quadro abaixo, explicamos o jeito ideal de jogar fora alguns dos dejetos mais complicados que produzimos dentro de casa. É claro que os governantes têm a responsabilidade de criar locais apropriados - como bons aterros sanitários - para receber todo lixo produzido. Mas a gente também pode (e deve) ajudar. Todos são responsáveis pelos resíduos: quem fabrica, quem vende e quem compra.

Pilhas e baterias

O que fazer - A lei ambiental permite que pilhas comuns sejam jogadas no lixo. Pilhas e baterias nocivas têm um símbolo especial na embalagem. Essas nunca podem ir para o lixo e devem ser devolvidas no local de compra do produto que as utiliza. Mas o ideal é reciclar todo tipo de pilha. Junte-as em casa e depois deposite-as em postos de coleta - que existem em várias lojas.

O problema - As pilhas e baterias mais nocivas têm materiais pesados, como mercúrio, que podem contaminar o solo e os lençóis freáticos. Pilhas comuns de marcas duvidosas também são uma ameaça. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica, 100% das pilhas piratas vazam.

Computador

O que fazer - Para se livrar de um velho computador, você pode ligar para o fabricante pedindo orientação. Alguns fabricantes informam que as assistências técnicas recolhem modelos antigos, mas na prática nem sempre isso ocorre. Se essa saída não funcionar, tente doar sua máquina. A ONG Pensamento Digital (pensamentodigital.org.br) é um exemplo de entidade que aceita doações.

O problema - Tanto um monitor como uma CPU são capazes de contaminar o solo e a água. "Com a máquina exposta no ambiente, o material férreo das placas libera ácidos e óxidos que podem ser corrosivos", diz o biólogo Walter Barrella. No monitor há um tubo que contém metais pesados.

Óleo de cozinha

O que fazer - A melhor solução é a reciclagem, pois o óleo usado pode se transformar em sabão. Espere o óleo esfriar e depois coloque-o dentro de garrafas de refri do tipo pet. O duro, mais uma vez, é encontrar quem recolha o produto. Se não achar nenhuma, coloque as pet no lixo reciclável.

O problema - Se o óleo chegar a um lixão e escorrer pela área, pode impermeabilizar o solo e contaminar a água de lençóis freáticos. Já o óleo jogado no ralo da pia causa outro transtorno: a gordura se solidifica nos canos.

Papel higiênico

O que fazer - É melhor jogar o papel higiênico no lixo ou na privada? Papéis mais finos podem ir para o vaso sanitário, pois se desmancham na água. Mas não dá para fazer o mesmo com aqueles do tipo "lixa". Na dúvida, jogue no lixo.

O problema - A maior questão nem é tanto um impacto ambiental. O problema é que folhas de um papel higiênico mais grosso não se dissolvem facilmente na água da privada e podem acabar entupindo os canos da rede de esgoto.

Remédio

O que fazer - Jogar remédio vencido no lixo não é saudável para o meio ambiente. "Medicamentos que tomamos via oral e principalmente os injetáveis devem ser recolhidos e incinerados", diz José Liporage, vice-presidente da Associação dos Farmacêuticos do Brasil. Tente devolvê-los na farmácia perto de casa ou no posto de saúde mais próximo.

O problema - Remédios que acabam num lixão podem atrapalhar a limpeza natural da área. Alguns antibióticos prejudicam as bactérias que decompõem o lixo. Pior ainda se essas substâncias terminarem em cursos d'água. Hormônios dos anticoncepcionais, por exemplo, podem afetar a reprodução de peixes.

SESI
EDUCAÇÃO DE
JOVENS E
ADULTOS



LEVE ESSA OPORTUNIDADE DE SUCESSO PARA
DENTRO DA SUA EMPRESA

Cresce o trabalhador, cresce a sua indústria

• Alfabetização • Ensino Fundamental da 1ª a 8ª série • Nivel Médio
• Nivel Médio/Educação Profissional do SENAI - EBEP

www.fiema.org.br

FIEMA SESI



Fotos: Divulgação

Projeto Musicar comemora sucesso

Satisfação pelo dever cumprido. Esse foi o sentimento que tomou conta de pais, alunos e professores que integraram o Projeto Musicar em 2012 durante a cerimônia de encerramento da 6ª edição ocorrida no dia 1º de dezembro, no Sesc Turismo.

Emocionados, os jovens dos bairros da Divinéia e do Maiobão não podiam conter o desejo de apresentar seus talentos. Antes do evento, o som dos instrumentos tomou conta do ambiente num desordenado concerto de afinação.

Quando chegou finalmente o momento, todos bem atentos receberam as boas vindas da diretora regional do Sesc, Maria dos Remédios Pereira que, muito entusiasmada, pediu um forte aplauso para os pais e depois para os alunos que integraram o projeto. Em seguida, elogiou o trabalho realizado nas duas comunidades e a forma como o Musicar tem sido importante para elevar a autoestima dos jovens numa fase especial da vida deles. "Se tem um período em que a gente sonha é quando somos crianças, por isso é importante plantarmos bons sonhos na vida desses jovens para que no futuro colham frutos de sucesso profissional e pessoal", ressaltou.

Por esse motivo, a diretora reiterou o desejo que cada um dos alunos do projeto a seguir em frente com a carreira e a valorizar cada dia todas as oportunidades que tiverem, pois são resultado do esforço, dedicação e disciplina de alguém.

Com o mesmo entusiasmo, Graça Privado, representante da Associação dos Moradores do Maiobão, contou um pouco da história do projeto na comunidade. "A Orquestra Tocando



o Choro é a 'menina dos olhos' do Maiobão, somos convidados para apresentações em eventos importantes. É muito bom saber que somos responsáveis pela vida desses jovens, ensinando-os como se apoderarem dos seus destinos", disse.

Nesta 6ª edição, que teve início em março e se estendeu até novembro, mais de cem alunos foram beneficiados pela iniciação ao mundo musical. Todavia não somente os alunos têm coisas boas para contar, Roselene Frazão Ribeiro, tia de Lucas André Ribeiro Alves, tem motivos em dobro para agradecer. "Depois do projeto meu sobrinho ficou outra pessoa, bem mais calmo e estudioso. E eu ganhei um emprego fazendo a merenda das crianças", disse toda feliz.

As alunas Jéssica da Silva, de cavaquinho, e Emanuella de Aparecida Gomes Rodrigues, de flauta, mesmo tímidas, relataram as mudanças ocorridas com o ingresso no projeto e, juntamente com a plateia, se emocionaram com a

exibição de slides com registros fotográficos de momentos, em especial, com a homenagem ao ex-aluno Wesley Vinícius integrante do Maiobão, que faleceu há pouco mais de um mês.

CONCERTO

O ponto alto do evento foi a apresentação dos alunos da Divinéia e do Maiobão, com a Orquestra Tocando o Choro, homenageando a capital maranhense que este ano completou 400 anos. No repertório, músicas como Ilha Magnética, de César Nascimento; Ilha Bela, Erasmo Dibel e Noite Feliz. Todas tocadas e cantadas pelos jovens da Divinéia sob a regência de André Roberto.

A Orquestra formada pela garotada do Maiobão encantou o público com Piston de Gafieira, de Silvio Caldas; Terra de Noel, de Josias Sobrinho; Meu Prelúdio, de Waldir de Azevedo e fechando com Louvação a São Luís, de Bandeira Tribuzzy, música conhecida que teve apoio do público, formando um grande coral.

Na avaliação, Victor Castro, assessor técnico em música do Sesc que assumiu o projeto este ano, mostrou-se feliz pela conclusão com êxito dos trabalhos diante dos desafios propostos. "Realizamos algumas mudanças que foram importantes para alcançarmos bons resultados e hoje vemos como foi válido", frisou.

O Projeto Musicar beneficiou aproximadamente 100 crianças e adolescentes dos bairros da Divinéia e do Maiobão com aulas ministradas por cinco profissionais nas áreas de cavaquinho, canto, percussão e flauta. O projeto é realizado pelo Sesc e recebe apoio do Criança Esperança.



O MOCHILEIRO
Por Reginaldo Rodrigues
Jornalista e Turismólogo
reginaldorodrigues2010@hotmail.com

Um lugar muito especial: Sítio Piranhenga



Foto: Reginaldo Rodrigues

Saindo do Centro Histórico de São Luís, no sentido bairros, mantenham sempre à direita do Rio das Bicas até o Parque Timbiras, e pegue informações de onde entrar para o Sítio Piranhenga e todo mundo irá informar. Se tiverem dificuldades, é só perguntar onde fica o transmissor da Rádio Evangélica FM Esperança que fica bem próximo e quando avistarem uma estrada de piçarra já comece a sinalizar.

Mais alguns metros vocês verão uma entrada discreta à direita com uma plaquinha indicando um lugar mais do que especial... A ONG CEPROMAR, que fica dentro da propriedade do Sítio! Um espaço ENCANTADOR, e que nos remete a alguns séculos passados!!!

Você já se sente bem quando, começa a avistar as primeiras mangueiras frondosas, continue a seguir em frente por uma estrada de barro sinuosa e um pouco íngreme. Ao chegar, a recepção é feita por pessoas muito simpáticas e educadas. Só precisa ter cuidado com os animais e em especial os cachorros, caso estejam soltos. Lá o estacionamento é seguro e grátis.

Acho que a maioria dos Ludovicenses, podem até ter ouvido falar deste lugar, mas não co-

nhecem. Mas, pra quem ainda não conhece ou apenas conhece de nome, vai aqui um resumo do que é esse lugar que todos devem conhecer!

O Sítio Piranhenga faz parte da ONG CEPROMAR (Centro Educacional e Profissionalizante do Maranhão), que tem por objetivo desenvolver atividades sócio-educativas, desportivas e culturais junto aos moradores dos bairros do Coroadinho, Coroadado, Bairro de Fátima e adjacências.

Com 42 hectares, o Sítio Piranhenga, está localizado às margens do Rio Bacanga e a sua fundação se deu entre os anos de 1805 e 1810, período áureo da escravidão no Maranhão. Assim, a propriedade possui até hoje traços e marcos do período de martírios e açoites.

O seu acervo reúne inúmeras peças dos séculos XVIII, XIX e XX. Mas o que mais chama atenção é o estado preservado dos seus casarios, formado por construções seculares. São senzalas, caieiras, capela e a casa grande. Soma-se a isto, a preservação de todo conjunto azulejar de origem portuguesa e francesa, bem conservados, que nos remete a São Luís dos tempos coloniais.

O lugar é aprazível e também usado por comunidades de jovens, católicos, evangélicos e

associações que usam o espaço para eventos, retiros e confraternizações. Fora tudo isso, tem o charme do lugar que uma áurea mística, sendo um dos mais charmosos de São Luís a menos de 10 km do Centro Histórico da Capital, que tem uma beleza e uma paz, que contrasta com seu passado de açoites e dores. Certo? Dá um pulinho lá e nos conte!

Outra coisa... se forem ao Sítio Piranhenga, a melhor hora é no início da manhã ou no final da tarde. Se a visita não for programada com o pessoal de lá, o interessante é levar lanche e água. Aproveite que já está lá e faça seu lanche na capela de São Benedito, que de tão simples e bela, você pode comer rezando ou simplesmente contemplando o lado natural do lugar.

Olhem todos os detalhes... até o chão que estão pisando. De cair pra trás. Tudo lindo! Imperdível!

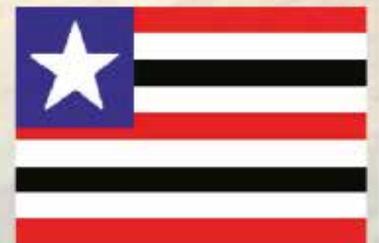
Atualmente, o Sítio Piranhenga é uma propriedade particular voltado para filantropia, administrado pelo padre João de Fátima Maranhão, um francês que, mora aqui há muitos anos, e que fala Português com sotaque ainda carregado, mas com muita simplicidade.



Cartório do 2º Ofício de Notas

Tabelião: Dr. Celso Coutinho
Substitutos: Dr. José Maria Pinheiro Meireles e
Gerson N. Coutinho

Com uma estrutura ágil e moderna para oferecer a você o melhor em serviços e plena segurança jurídica, *escrituras, procurações, testamentos, reconhecimentos de firmas, autenticações, inventário, partilha, separação, divórcio e restabelecimento de sociedade conjugal*



Rua da Direita, 402 - Centro • Tel: (98) 3232-8699 • 3221-2419 • Fax: (98) 3232-1810 - São Luís/MA



Ócio, Viagens e Gastronomia

Por Beatrice Borges
Turismóloga/Consultora de Turismo
www.ocioviagensgastronomia.com

Índice Augusto de Economia turística

É chegado o verão.

A estação mais quente e animada do país traz consigo um imenso movimento turístico, proporcionando o aumento dos gastos com viagens e fazendo com que as cidades turísticas aqueçam suas economias.

De todos os elementos da cadeia produtiva do turismo, nenhum sente tanto essa mudança no bolso, quanto o Guia de Turismo.

O Guia de Turismo é aquela figura que ama a cidade onde vive e trabalha com afinco divulgando suas belezas, seus momentos históricos importantes, e cuidado bem de seus visitantes. Está na ponta da cadeia, sendo o verdadeiro elo entre os turistas e a cidade.

É ele, que com muita diplomacia, estende o tapete vermelho dos atrativos turísticos para aqueles que vieram descobrir os prazeres de uma nova ventura.

O Guia trabalha na maioria das vezes como free lance, ou seja, sem vínculos empregatícios com agências de viagens e operadoras turísticas. Na maioria das vezes possui um cadastro nas empresas e se coloca à disposição para trabalhos de

condução, acompanhamento e monitoramento de grupos, de acordo com os roteiros ofertados pelas empresas.

O fato de não ter vínculo, garante ao Guia o pagamento dos passeios logo após a prestação do serviço, ou quando acordado previamente, de 15 em 15 dias, no máximo.

O pagamento feito duas vezes ao mês, associado a um movimento intenso de turistas, permite que o Guia de Turismo possa "acalorar" o bolso nessa época do ano, já que suas economias estão diretamente ligadas à maior ou menor frequência de turistas na cidade.

José Augusto Mendes, não por acaso, um grande amigo, é um dos Guias de Turismo mais atuantes no Estado do Maranhão, com ênfase para atuações em São Luís e Barreirinhas, principal portão de entrada para o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. É daquelas pessoas carismáticas e engraçadas que reconhece de longe o perfil do grupo que irá trabalhar. Tem um feeling todo especial cativar grupos de todo porte.

Pelo fato de ter muita experiência na condução de grupos e de também atuar como professor universitário, sempre esteve ativo nas discussões

acerca da melhoria do turismo, em especial, em São Luís.

Lembro-me das muitas discussões travadas por nós, há algum tempo, quando eu também atuava como professora do Curso de Turismo e criava, vez por outra, workshops, semanas temáticas, viagens de benchmarking e diversos eventos para dinamizar o curso e a atividade em nossa Ilha. Augusto sempre era convidado para palestras e composição de mesas, cujo objetivo pensado por mim, é claro, era dar um toque de alegria, veracidade e polêmica aos temas.

Sim, Augusto tem um poder de criar situações engraçadas e de fazer todos entenderem como de fato, as coisas acontecem no turismo.

"O Índice Augusto de Economia Turística" foi rapidamente definido quando em certa vez, um aluno levantou a mão na plateia e perguntou inocentemente, como os Guias de Turismo percebem e lidam com a sazonalidade do turismo. Ele mais que depressa pegou o microfone e respondeu:

- Simples! Quando eu consigo pagar o cartão de crédito, é alta. Quando eu pago o mínimo, é baixa estação!

Série Monumentos Falidos

A cada edição o Jornal Cazumbá mostrará, neste espaço, histórias de monumentos que sofrem alguma intempérie do tempo ou estão abandonados pelo poder público.

A Fonte do Ribeirão se localiza no Centro Histórico de São Luís, entre as ruas do Ribeirão, Afogados e Barrocas, tendo sido tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 1950. Sua construção aconteceu durante o governo provincial de D. Fernando Antônio de Noronha, em 1796 (fins do século XVIII), visando proporcionar à cidade um melhor saneamento e a melhoria de oferta de água para o consumo da população.

Nos primórdios da cidade, o padre capuchinho francês Claude d'Abbeville, que acompanhou o pretenso fundador de São Luís, Daniel de La Touche, em 1612, informa que havia no local "uma fonte, particularmente bonita... cercada de palmeiras, guacos, murtas e outras árvores maravilhosamente grandes, sobre as quais se veem, muitas vezes, monos, macacas e micos que vão beber água". Segundo relata o historiador Carlos de Lima, no livro "Caminhos de São Luís", de acordo com a tradição, "o divertimento dos moços peraltas de antigamente era afogar os muitos macacos, aí havidos, nas águas do riacho". Em razão disso, o local ficou conhecido como Afogabugios, derivando a denominação para Afogados, nome que batiza uma das ruas que cerca a fonte.

Esse belo exemplar da arquitetura portuguesa possui feição claramente colonial. Internamente, a fonte possui uma galeria com dois metros de altura por dois de largura, em média. De um lado e de outro da mesma existem nichos guarnecidos por bacias das quais a água escorre sobre duas canaletas laterais que, por sua vez, se comunicam com as cinco expressivas carrancas esculpidas em pedra lioz, enclavadas na parede frontal do monumento, de cujas biqueiras de bronze a água é

A reforma meia boca da Fonte do Ribeirão



despejada num tanque de pedra que possui 12 metros de comprimento por um metro de largura, com profundidade de 20 cm, formando um espelho d'água onde existem peixes ornamentais. Desse tanque o líquido é escoado por uma canaleta que corta a fonte ao longo do seu comprimento, que mede 20 metros.

No seu topo se vê uma estátua, reprodução de uma imagem do deus mitológico grego Poseidon (Netuno, para os Romanos) que era tido como o deus dos mares e das águas. A estátua original foi quebrada por vândalos e, após ser restaurada, atualmente se encontra exposta no prédio do IPHAN, Centro Histórico de São Luís. A atual reprodução não ostenta o tridente do deus grego, referência importante para a compreensão estética e histórica do monumento.

Não se faz mais uma fonte como antigamente

A Fonte foi recentemente 'reformada' numa obra capenga e entregue, com atraso de quatro meses do prazo previsto, à população de São Luís no apagar das luzes da antiga administração municipal. A reforma feita pela prefeitura foi medíocre. A estátua de Netuno continua sem a presença

do tridente (alguns imbecis interpretam o tridente como algo demoníaco, o que é um absurdo; os três dentes ou pontas da arma do deus grego simbolizam apenas os três elementos essenciais para a vida do homem: o ar, a água e a terra). As carrancas ainda se encontram parcialmente entupidas e a água está escorrendo pela base da parede frontal da fonte, o que poderá prejudicar a base do monumento, causando destruição da mesma e até acidentes. Além disso, colocaram luminárias para realçar a beleza da fonte, que serão logo roubadas, já que não há guardas no local.

A conservação da Fonte cabe ao poder público municipal. A limpeza do logradouro é obrigação da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos – SEMOSP; por sua vez, a segurança do monumento ficaria a cargo da Guarda Municipal. A solução para o entupimento das carrancas cabe à Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão – CAEMA. No entanto, o que se vê é que após cada intervenção realizada na Fonte do Ribeirão o local é depredado e volta a se deteriorar, já que não existe segurança no local.

O monumento precisa ser ocupado com projetos culturais permanentes, para o bem do turismo e da população em geral, gerando visibilidade para os artistas e para justificar também o título de patrimônio cultural da humanidade que São Luís ainda ostenta. Um projeto que garanta a sustentabilidade da fonte e que possa servir de modelo para a cidade, que precisa ser sustentável na sua totalidade, desafio que precisa ser enfrentado por qualquer gestão pública que se pretenda séria e comprometida com a melhoria de qualidade de vida dos ludovicenses.

Por: Paulo Melo Sousa

Foto: João Rubem



A excelência do Museu Casa de Nhozinho

O governo do Maranhão criou, em 1971, a Fundação Cultural do Maranhão que, mais tarde, se transformaria na Secretaria de Estado da Cultura. No rol dessas mudanças, uma conquista, a criação do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho - CCPDVF (anteriormente denominado Museu do Folclore e Arte Popular), que se desenvolveu cada vez mais ao longo dos anos. O Centro foi instalado em dois imóveis, situados na Rua do Giz (prédios nº. 205 e nº 221), na nobre área do Centro Histórico de São Luís.

O acervo inicial desse importante espaço cultural vem sendo acrescido, ao longo dos anos, de novas peças (adquiridas através de compras, doações e empréstimos de coleções particulares). Em 2002, a Divisão do Circuito de Exposições foi desmembrada em 03 (três) espaços museológicos, todos situados na Praia Grande. O primeiro módulo, a Casa da Festa, se encontra no endereço inicial, à rua do Giz, nº 221. O Módulo 2 é a Casa do Maranhão, que apresenta o Pavilhão do Bumba-Meu-Boi, situada na Rua do Trapiche, e o Módulo 3 é a Casa de Nhozinho, localizada na Rua Portugal, nº 185, que também

apresenta entrada pela Rua de Nazaré. Em 2004, aconteceu a Criação da Superintendência de Cultura Popular, que comporta os 03 (três) órgãos independentes.

O Museu Casa de Nhozinho apresenta vários objetivos, além de inúmeras diretrizes, todas elas voltadas para a divulgação e promoção da cultura popular do Maranhão. O espaço definiu inicialmente como metas: "Mostra das técnicas de produção da cultura material do homem maranhense no seu dia-a-dia, que vão de miniaturas e tipos populares até artefatos de grande porte, como veículos de locomoção e construção civil". Atualmente, o chefe da Casa de Nhozinho é o artista plástico e pesquisador de cultura popular Jandir Gonçalves.

O ambiente do espaço cultural está organizado pela Exposição museológica fundamentada nos elementos da natureza: andar térreo: Galeria do Cofo, Salão Água, Salão Terra e Pátio Verde; 1º andar: Pavilhão Fogo – artesanato (brinquedos populares, miniaturas, reciclados, tecidos) Coleções Adjuntas de Nhozinho, Vitor Gonçalves, João do Farol, Beto Bittencourt, cultura material indígena, objetos feitos em metal; 2º andar: Salas da Comissão Maranhense de Fol-

clore e da direção, Laboratório de Conservação e Restauração, Pátio (com réplicas de casa de farinha e forno de barro e alguns ambientes da zona rural, refeitório, dormitório, capelinha, loja, quitanda, com diferentes tipos de materiais de construção utilizados pelo homem do interior do estado.

O espaço possui como missão "referenciar, estimular e divulgar aspectos da cultura popular maranhense no tocante à vida cotidiana e o fazer do seu povo, abrindo espaços para artefatos das culturas indígenas, artesanato, brinquedos populares, reciclados e de coleções de pesquisadores maranhenses".

A Casa se encontra instalada num belo sobrado de três pavimentos, com fachada em azulejos portugueses, um dos mais belos exemplares da arquitetura colonial, tendo se consolidado como um "espaço aglutinador das artes, cujos saberes tradicionais devem ser reconhecidos". As visitas à Casa de Nhozinho são monitoradas por um grupo de estagiários universitários, cadastrados no Centro de Integração Empresa – Escola (CIE).

Trabalho de primeira qualidade - O nome da Casa presta uma justa homenagem a um dos



Fotos: João Rubem

maiores artesãos maranhenses de todos os tempos, Antônio Bruno Pinto Nogueira, mais conhecido como Nhozinho, que fabricava brinquedos para as crianças pobres, tendo se destacado pela fabricação de rodas de boi feitas de buriti.

Além do ambiente museográfico, a Casa de Nhozinho possui espaço para guarda de reserva técnica das Casas vinculadas à Superintendência de Cultura Popular e cede uma sala à Comissão Maranhense de Folclore, que ali realiza suas reuniões e guarda suas publicações e material administrativo. "Sentimos a necessidade da presença de mais funcionários na Casa, o nosso quadro precisa ser otimizado para que o ambiente possa desenvolver atividades mais amplas destinadas ao público. A Casa, embora seja vinculada, possui uma filosofia própria, com estabelecimento de parcerias importantes, como as realizadas com o Promoart e com o Centro Nacional de Folclore - CNF. Dentro desse contexto, estamos viabilizando a comercialização de produtos de vários artesãos, como é caso da produção da Associação das Rendeiras Bilro de Ouro, do município da Raposa, da Cooperativa dos Artesãos dos Lençóis Maranhenses - Arte-Coop; traremos, por exemplo, uma exposição de artesãos dessa cooperativa, agora em fevereiro, intitulada "Fibras e Tramas de Barreirinhas", declara o pesquisador Jandir Gonçalves.

Um dos ambientes mais visitados da Casa de Nhozinho é a Galeria do Cofo, que conta com o apoio do Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (Promoart), visando divulgar a arte popular, proporcionando ao público o contato com objetos de alto significado simbólico que agregam tecnologia e matéria-prima que atestam o modo de viver de inúmeros ar-

tistas populares dos mais variados recantos do Maranhão, facilitando a venda de produtos dos artesãos. "Se nós olharmos para as lojas de artesanato da Praia Grande, a maioria comercializa produtos do Ceará, Paraíba, como se fossem nossas. A Galeria do Cofo é um espaço que visa ajudar o artesanato maranhense, gerando renda para os artesãos da nossa terra", informa Jandir Gonçalves

No momento, a Casa de Nhozinho realiza

por conta própria uma pesquisa com artesãos do município de São Francisco do Maranhão, que trabalham com fibra de carnaúba (fabricam cestas, chapéus e outros artefatos), com geração de acervo fotográfico, realização de levantamento técnico dessa produção, visando uma futura exposição desse material. O Circuito de Exposições da Casa de Nhozinho pode ser visitado de terça a domingo, das 9 às 19 horas, com entrada gratuita.



Por: Paula Lima

Lendas do Maranhão

Dinheiro enterrado

Os habitantes de Vargem Grande, principalmente os mais antigos, são categóricos em afirmar que no território de seu município existem muito dinheiro e ouro enterrados. Isso se deve ao hábito de muitas pessoas abastadas, antigamente, por questão de segurança, acondicionar suas economias, convertidas em moedas de ouro, prata e joias importantes, em potes de barro ou similar, imunes a desgastes, sem o conhecimento de familiares, e enterrarem tais tesouros onde só quem enterrou poderia encontrar. E os proprietários desses tesouros já falecidos não tinham como resgatá-los, mas antes de morrerem falavam para alguém extremamente confiável. Mas em virtude de o dinheiro e joias já estarem encantados somente aqueles desacompanhados e isentos de ganância achavam o tesouro. Muitas tentativas já foram feitas, mas não adianta. Dizem que é devido a ganância de todos que se habilitaram.

Fonte: Livro Folclore Maranhense (José Ribamar Sousa dos Reis)

Cazumbá Poético
Auto-retrato

Diante do espelho grande do tempo
sinto asco tenho ódio
descubro que não sou mais menino
Aos 50 anos (hoje — 16 / 7 / 88
(câncer) sábado — e sempre
com medo olhando para trás e para
os lados)
questiono-me (lagarto sem rabo):
— como deve ser bom
nascer crescer envelhecer e morrer
Diante do espelho grande na porta

(o nascido no jirau: meu nobre catre)
choro-me:
feto asno velhote pétreo ser
incomunicável
sem qualquer detalhe que eu goste
(Um espermatozóide feio e raquítico)

Como nas cartas do tarô onde me leio
— eis-me aqui espelho grande
quebrado ao meio

Adailton Medeiros

Você Sabia????

...Que maranhense não é **RUIM** - é "FULERO"?

Setur ganha **cantinho Sabores da Terra**

Foto: Reginaldo Rodrigues

Aconchegante e de fácil acesso, a Secretaria de Turismo do Maranhão, localizada logo ali na rua Portugal no coração do Centro Histórico, ganhou o "Sabores do Maranhão".

O espaço que recebeu um toque especial dos técnicos da Superintendência de Promoção além de fornecer informações sobre o artesanato local, culinária e acervo arquitetônico também disponi-

biliza informações sobre os principais polos turísticos do estado.

O local também serve como fonte de pesquisa para estudantes e profissionais ligados ao turismo. Além do "Sabores do Maranhão" a Setur também disponibiliza um novo espaço para o Cadastro Nacional dos Prestadores de Turismo, o Cadastur.

O serviço que funciona de 13h às 19h atende

diariamente cerca de dez prestadoras de serviços turísticos na realização de cadastro inicial, renovação e alteração de cadastro. É importante lembrar que o cadastro é obrigatório para agências de turismo, meios de hospedagem, transportadoras turísticas, guias de turismo, organizadoras de eventos, acampamentos turísticos e parques temáticos, previsto na lei 11.771 do Ministério do Turismo.